

DISPOSITIVOS LITERÁRIOS NOS ENCONTROS GRUPAIS: DISPARADOR DE REFLEXÕES E SUA INTERFACE COM A PSICANÁLISE

Georgia P. Garcia¹

Kamille Voesch²

RESUMO

O presente artigo almeja sustentar que a literatura possui uma relação basilar com a abordagem psicanalítica e que dispor de obras literárias como disparador de reflexões em encontros de grupos terapêuticos mostra-se uma estratégia potente, entendendo que no trabalho grupal a utilização de recursos que instiguem o diálogo facilitam a interação entre os participantes, bem como contornam possíveis resistências. Utilizou-se uma metodologia de caráter bibliográfico, que buscou pelas palavras: psicanálise; literatura; e grupos na ferramenta *Google Acadêmico*.

Palavras-chave: psicanálise; literatura; grupos.

1 INTRODUÇÃO

O encontro entre Psicanálise e Literatura se fez desde os primeiros ensaios da teoria, quando Sigmund Freud, conhecido como fundador da psicanálise, utilizou de contos da mitologia grega para descrever aspectos centrais da constituição psíquica, como a tragédia de Édipo Rei, que inspira a nomeação do Complexo de Édipo, uma fase do desenvolvimento psicosssexual infantil, e o mito de Narciso para falar de estágios do desenvolvimento.

A mitologia seria uma verdadeira fonte do inconsciente dos povos antigos, na qual apreendiam suas aspirações e seus terrores. Os personagens mitológicos que passeiam pela obra freudiana são elevados ao status de figuras do inconsciente, sustentando boa parte dos argumentos de sua construção metapsicológica, não sendo menos reveladoras da alma humana que os sonhos e os sintomas, mas abrindo uma visão em outra realidade e alargando a existência humana e suas possibilidades. Funcionam assim Édipo e Narciso: verdadeiras figuras-matrizes do inconsciente (Teixeira, 2005, p. 119).

¹ Psicóloga formada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), campus Porto Alegre. Residente do Núcleo de Saúde Mental da mesma instituição. Desenvolveu projeto de intervenção com grupo de leitura na Cadeia Pública de Porto Alegre e atuou em atendimentos clínicos individuais e grupais no Coletivo Autônomo Morro da Cruz.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3779914716001807> ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3129-9429>

² Formanda em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), campus Porto Alegre. Atuou em atendimentos clínicos individuais e grupais em estágios obrigatórios.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4807921284393035> ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5040-7480>

A intersecção com literatura, fantasia e narrativa também é observada nas demais obras freudianas, pois, como traz Gomes, “Todos os casos clínicos de Freud articulam o registro dos sintomas à história fantasmática dos analisandos” (2020, p. 8); trata-se de narrativas íntimas que são utilizadas para desenvolver a teoria.

O principal método da psicanálise, a associação livre, também tem como inspiração uma obra literária de Ludwig Borne (1786-1837), que entre recomendações a como se tornar um escritor, sugeria deixar as ideias surgirem livremente, sem censura (Gomes, 2020).

Gutfreind (2020) relembra ainda que, em seu texto “História de uma neurose infantil: O Homem dos Lobos”, Freud (1918) considerou que contos populares influenciaram a vida psíquica dos sujeitos, de forma que, em alguns casos, as lembranças das histórias dos personagens ocupavam o lugar das histórias da infância dos pacientes. Posteriormente, realizando uma conexão entre o conto da “Chapeuzinho Vermelho” e o conto “O lobo e os sete cabritinhos”, com a fobia de Serguei Pankejeff, documentado como o “Homem dos Lobos”, o autor concluiu que:

Surgem aqui pelo menos duas analogias interessantes. A primeira se refere ao potencial dessas histórias de servirem como uma espécie de instrumento arqueológico de acesso ao começo de nossa vida psíquica, ao lado da importância que realmente adquiriram, em alguns pacientes de Freud, até mesmo na construção de suas neuroses (Gutfreind, 2020, p. 6).

De forma que, talvez, mais que falar em um encontro entre a literatura e o pai da psicanálise, possamos concordar quando Teixeira (2005, p. 118) diz que “há algo na maneira de enfatizar o lugar do mito nas elaborações teóricas de Freud: embora situe-se na superfície de sua obra, diz respeito à construção do alicerce de seu texto”.

2 A PSICANÁLISE E OS GRUPOS

Costumeiramente, quando se pensa em psicanálise, surge no imaginário o divã e um *setting* composto por uma dupla — analista e analisando. Contudo, como trazem Bechelli e Santos (2004), apesar de não ser tão precisa a origem da psicoterapia em grupo, já em 1920 Lazel utilizava a abordagem psicanalítica em encontros grupais com esquizofrênicos e observava resultados satisfatórios. Já Bion, na década de 40, trabalhava com grupos de militares em reabilitação no hospital Northfield, durante a Segunda Guerra Mundial, sendo um dos autores a produzir um vasto material sobre a utilização da técnica psicanalítica nos grupos (Zimerman, 2010). Diferentemente do destacado por Bion, que dizia que a mentalidade grupal poderia alcançar uma unanimidade de pensamento, Sato traz que poderia o grupo justamente ser uma forma de resistir ao fazer hegemônico, quando afirma que “a não individualização do sofrimento, a aprendizagem de uns com os outros, o estímulo e o suporte a mudanças, por exemplo, foram fatores internos às práticas de grupos que motivaram sua utilização nas instituições e espaços comunitários” (Sato et al., 2017, p. 486).

3 A RESISTÊNCIA

A resistência, muito abordada na obra Freudiana e psicanalítica de forma geral, será aqui entendida como “tudo o que, no decorrer do tratamento analítico, nos atos e palavras do analisando, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente” (Zimerman, 2010, p. 147). Essa evitação pode ter como origem o medo da dor, a culpa, a vergonha, e até o desconhecimento consciente de algo, bem como frequentemente está presente tanto na clínica individual, quanto grupal. Nos grupos, Zimerman aborda seis principais formas de encontrar a resistência: nos pacientes monopolizadores, aqueles que tendem a concentrar a atenção em si; nos pacientes silenciosos, que pouco participam; os desviadores de assuntos, que tentam ir para temas mais leves; os atuadores, que podem estar dramatizando para o grupo; os sabotadores, que buscam frustrar processos de mudança; os ambíguos, que por vezes oscilam em demasia entre apoiar e sabotar os processos grupais. Essas resistências podem surgir em um ou mais participantes, oscilar entre eles e, inclusive, estar presente em todos. Importante mencionar, ainda, que alguma reserva que tenha como intuito se preservar perante o grupo pode ser uma característica protetiva que demonstre entendimento, como traz Gomes: “Um adulto que fala de suas fantasias e desejos inconscientes não suscita simpatia em nós; pelo contrário, via de regra nos escandalizamos com isso” (2020, p. 7). Já quando a reserva do participante é resultado de uma resistência à mudança, cabe intervenção, e é como ferramenta de apoio que podem ser utilizados os textos como disparadores, uma forma de contornar as habituais resistências. Isso porque, como anuncia Freud, os escritores nos permitem fantasiar sem recriminação (1908/2015). Para além de fantasiar, também permitiriam o encontro com conflitos difíceis de serem suportados sem um intermediador, como narrado por Gutfreind (2020):

Em minha experiência clínica, deparei-me com múltiplas ilustrações dessas ideias, como a de Béatrice, a menina triste e que pouco se expressava sobre sua difícil situação de separada dos pais. Ela foi se apegando ao conto “O patinho feio”, de Andersen, e, depois de solicitar a mesma história muitas vezes, desenvolveu a capacidade de falar a respeito da tristeza da personagem. Identificada e ao mesmo tempo protegida pelo patinho, pôde expressar o que sentia e, mais que isso, pensar sobre os próprios sentimentos, como a difícil tristeza decorrente da situação terrível de se sentir mal amada (p. 6).

4 LITERATURA E OS GRUPOS

Como trazem Granato, Corbett e Vaisberg (2011, p. 157), “desde sua origem a Psicanálise tem se ocupado das narrativas de pacientes que tecem suas vidas em histórias, reconhecendo nesse gênero expressivo da dramática humana a fonte de suas investigações”. Por isso, desenvolveram um grupo piloto de pesquisa, que tendo como tema a elaboração do conflito materno, utilizou-se de trechos narrativos como disparador de novas narrativas por parte dos participantes. Uma metodologia semelhante ao jogo do rabisco de Winnicott, mas que no lugar de desenhos se utilizava das palavras. Como umas das considerações finais as autoras destacaram a fertilidade do campo interativo (Granato; Corbett; Vaisberg, 2011). Ainda sobre a

potência da narrativa, Campos-Brustelos, Bravo e Dos Santos (2010, p. 4) acrescentam que: “Quando estimulamos a capacidade de fabulação, exercemos função terapêutica, pois permitimos que o indivíduo integre certas vivências humanas antes experienciadas como paradoxais, díspares ou psiquicamente intoleráveis”. Acreditando nisso, os autores criaram um Grupo de Contação de Histórias voltado ao público do CAPS II no qual atuavam.

[...] os usuários encontraram espaço para falarem de si, para contarem suas histórias e também para poderem recontá-las, ressignificando-as, incorporando novos significados e ampliando sentidos alternativos, de modo mais lúdico do que o recurso verbal tradicionalmente utilizado nos grupos de psicoterapia (Campos-Brustelos; Bravo; Dos Santos (2010, p. 9).

Pensando no contexto prisional, Boechat & Kastrup (2009) trazem a experiência de uma oficina de leitura realizada em uma instituição do Rio de Janeiro que:

[...] produzira movimentos gradativos, de saída de si e de encontro com o texto. Isso significava o distanciamento momentâneo de preocupações com a condição de preso, filho, marido ou marginal. O desvio dessas formações cognitivas e existenciais habituais e a consequente desterritorialização abrem campo para a problematização oferecida pela prática da leitura. Uma atenção fina e inventiva constituiu uma atitude aberta, de disposição para descobertas e novas experiências de si do mundo (p. 38).

Já Coutinho (2020) traz como experiência a realização de um grupo operativo temático com universitários que, com o objetivo de problematizar o cuidado em saúde mental na universidade, utilizou como dispositivo o conto “Os laços de família” de Clarice Lispector. Experiência que a autora conclui, destacando:

O conto, como objeto mediador neste grupo, esteve situado na categoria de intermediário, pois viabilizou ligações entre realidades diferentes e inacessíveis à consciência dos participantes, colocando em movimento o processo de simbolização e a busca pelas próprias soluções criativas (Coutinho, 2020, p. 133-134).

Petri et al. (2019) trazem observações referentes à importância dos contos como mediadores do inconsciente junto a crianças e adolescentes, ressaltando que:

Independente da história utilizada, a partir da metáfora, a vida de cada personagem consegue abordar as mais variadas questões, incluindo a morte, o abandono, a angústia e o medo, entre outras, sem se tornarem ameaçadoras. Dessa forma, o sujeito consegue ouvir e elaborar esses conflitos, através da identificação com os personagens, sem precisar encarar de forma direta tais assuntos. Os contos também ajudam a tornar as emoções mais claras, uma vez que conseguem transformar o abstrato, os sentimentos em algo real, a trama, os personagens (p. 4).

Em um exemplo mais recente, Zanuco e Menegat (2021) relatam um grupo terapêutico realizado com crianças de cinco anos de idade, que utilizou como dispositivo a leitura do conto “Cinderela”, e destacam que os contos “possibilitam

uma aproximação da criança com o terapeuta, que é capaz de trabalhar aspectos do inconsciente infantil de maneira lúdica” (Zanuco; Menegat, 2021, p. 6).

Diferente da maioria dos relatos de experiência no contexto infantil, que se utilizavam dos contos de fadas tradicionais, Carvalho, Rodrigues e Da Silva Silveira (2021) apresentam o projeto “Afroconto e outros contos” para crianças de 5 a 11 anos, no qual:

O objetivo geral é possibilitar espaço para a construção de uma experiência antirracista e anticapacitista no âmbito da educação infantil a partir de narrativas literárias. O foco é fortalecer a representatividade para as crianças negras com e sem deficiência, assim como proporcionar às crianças brancas um descentramento dos privilégios da branquitude (p. 7).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa identificou uma maior produção acadêmica referente a grupos direcionados ao público infantil, principalmente que utilizavam obras clássicas, talvez pelo fato de simbolizarem inúmeros medos que podem ser trabalhados com as crianças, como traz Gutfreind (2020, p. 6): “Estão contidos os principais, como o medo de ser abandonado, o de estar só, o de morrer, o de matar, o de ser preterido em favor de um irmão e, enfim, o medo maior, que é o de não ser amado”. No entanto, destacamos que diferentes faixas etárias podem se beneficiar das obras literárias como dispositivos, tendo em vista que esses medos se repetem na vida adulta e que a ludicidade não deve ser entendida como uma prática unicamente infantil. Ainda, entendemos que, para além dos contos infantis, muitas são as obras que transitam por essas questões, tanto que Gomes (2020, p. 5) alerta que “tanto a literatura como a psicanálise visam, por meio de seus procedimentos próprios, explicar a complexidade da alma humana com seus conflitos obscuros”.

Identificamos, também, que um dos fatores importantes é considerar os sujeitos que vão participar do grupo, ajustando a metodologia para que faça sentido aos participantes, e que investir em textos decoloniais é uma forma de oferecer materiais, por vezes, mais contextualizados e políticos, principalmente buscando valorizar outras narrativas. Afinal, como traz uma das analogias citadas por Gutfreind (2020), as histórias que ouvimos também seriam constitutivas do psiquismo, portanto essas devem ser o menos excludentes possível, como destacam Carvalho, Rodrigues e Da Silva Silveira (2021).

Por fim, tendo em vista os exemplos destacados em nossa escrita e o apontamento de Freud de que “as fantasias das pessoas são menos fáceis de observar do que o brincar das crianças” (Freud, 1908/1907, p. 136), consideramos que seria a literatura uma interessante via de acesso às fantasias presentes em um grupo, bem como uma via de satisfação de fantasias por vezes consideradas insuportáveis, motivos que justificam a utilização da literatura como recurso para facilitar a comunicação, a expressão, a compreensão e a transformação dos participantes de grupos terapêuticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHELLI, L. P. D. C., & SANTOS, M. A. D. (2004). Psicoterapia de grupo: como surgiu e evoluiu. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 12, 242-249.

BOECHAT, M., & KASTRUP, V. (2009). A experiência com a Literatura numa instituição prisional. **Psicologia em revista**, 15(3), 22-40.

CAMPOS-BRUSTELO, T. N., BRAVO, F. F., & DOS SANTOS, M. A. (2010). Contando e encantando histórias de vida em um centro de atenção psicossocial. **SMAD, Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas**, 6(1), 1-11.

CARVALHO, L. L., RODRIGUES, E. B., & DA SILVA SILVEIRA, R. **Afroconto e outros contos em tempos de pandemia**. Organizadores, 7.

COUTINHO, M. K. A. R. G. (2020). O conto como objeto mediador: uma experiência com grupos com universitários. **Vínculo-Revista do NESME**, 17(1), 119-137.

FEIJÓ, Luan Paris, et al. (2014). "Contando Recontando... Subjetivando: A importância terapêutica da psicanálise no grupo de contos". **Anais da Mostra De Iniciação Científica Do Cesuca-ISSN 2317-5915** 8: 305-310.

FREUD, S. O poeta e o fantasiar. In Freud, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras. 2015 (Trabalho original publicado em 1908).

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: "Grandiva" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 135-143.

GOMES, V. R. R. (2020). Estéticas da subjetivação: a interface entre psicanálise e literatura. **Conversas em Psicologia**, 1(2), 1-14.

GRANATO, T. M. M., CORBETT, E., & AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2011). Narrativa interativa e psicanálise. **Psicologia em estudo**, 16, 149-155.

GUTFREIND, C. (2020). **O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na clínica e na escola**. 1ª revisão ampliada. Artmed Editora.

PETRI, M. S., PRESTES, G. M. A., CARVALHO, F. D. D. A., ZAMBRANO, A. P. R., DE SOUZA, M. A., & SCHUUR, B. I. (2019). **O conto e suas ferramentas terapêuticas**. Salão do Conhecimento.

SATO, F. G., MARTINS, R. C. R., GUEDES, C. F., & ROSA, M. D. (2017). O dispositivo grupal em psicanálise: questões para uma clínica política do nosso tempo. **Revista Psicologia Política**, 17(40), 484-499.

TEIXEIRA, L. C. (2005). O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. **Psychê**, 9(16), 115-132.

ZANUCO, B. S., & DE BARROS MENEGAT, C. (2021). Contos de fadas como ferramenta terapêutica em grupos: um relato de experiência a partir da abordagem psicanalítica. **Anais da Mostra De Iniciação Científica do Cesuca**-ISSN 2317-5915, (15).

ZIMERMAN, D. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Artmed Editora, 2010.